

#cm
2
SEGUNDA-FEIRA



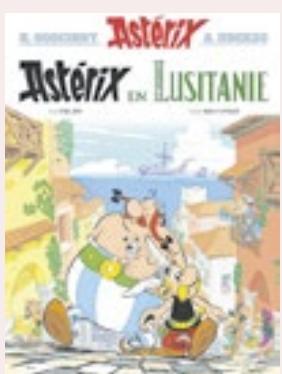
Teatro Gláucio Gill
faz 60 anos e recebe
30 peças em 30 dias

PÁGINAS 4 E 5



'Mulher Rei', com Viola
Davis, chega à TV
aberta nesta segunda

PÁGINA 6



Novo gibi de Astérix
aquece o mercado
europeu de HQs

PÁGINA 7



Por RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Despedindo-se esta noite dos palcos do CCBB-RJ, onde encena "Um Julgamento – Depois do Inimigo do Povo", sob a direção de Christiane Jatahy, o baiano Wagner Moura confirmou ser uma aposta quente para o Oscar de Melhor Ator, em 2026, ao ser indicado, semana passada, aos Gotham Awards – premiação nova-iorquina para expressões artísticas visionárias. Ele está em dis-

puta com "O Agente Secreto", thriller que lhe rendeu a láurea de Melhor Interpretação Masculina no Festival de Cannes, em maio.

Já em pré-estreia, a produção escrita e dirigida por Kleber Mendonça Filho entra em circuito, oficialmente, nesta quinta-feira, com chances de se consagrar como blockbuster, não só no Brasil como mundo afora. E Wagner é essencial nisso, sobretudo neste momento em que se encontra onipresente nas plataformas de streaming. **Continua na página seguinte**



Wagner Moura como o Capitão Nascimento em 'Tropa de Elite', seu maior sucesso no Brasil

'É bom falar português nas telas de novo'

Netflix



Wagner Moura precisou engordar para o papel de Pablo Escobar na série 'Narcos'

O ator baiano estrelou 'Sergio', sobre a vida do diplomata brasileiro Sergio de Mello, morto tragicamente durante missão no Iraque



Divulgação



Com o amigo Láralo Ramos em 'Cidade Baixa'

Wagner Moura ciceroneou o Todo Poderoso em 'Deus é Brasileiro'



“É

bom falar português nas telas de novo e não quero mais passar um ano sem fazer um filme no Brasil, onde eu me afinei com Kleber, onde a gente se conectou pela política", disse Wagner ao Correio da Manhã em Cannes.

Tem muitos Wagners em "O Agente Secreto", mas é necessário que se fale o mínimo sobre as variações de sua figura em cena, numa trama ambientada em 1977, quando um pesquisador e professor da universidade pública é perseguido por assassinos de aluguel por conta da disputa por uma

patente científica no Recife, em meio ao governo de Ernesto Geisel (1907-1996).

"As universidades públicas sempre foram atacadas quando governos de extrema direita sobem ao Poder, sem entenderem que o interesse da política deveria ser, acima de tudo, o bem do povo. Quando pensamos na educação... ela deveria ser

um direito", disse Wagner, que antes de "O Agente Secreto" emplacou sucesso na série "Ladrões de Drogas", na Apple TV, também acessível via Prime Video.

Produzido e codirigido por Ridley Scott, esse seriado soma carismas, ao colocar a estrela de "Tropa de Elite" (Urso de Ouro de 2008) ao lado de Brian Tyree



Wagner Moura com Brian Tyree Henry em 'Ladrões de Drogas'

Divulgação

Apple TV

com "Marighella".

Lançado na Berlinale, em 2019, o filme estreou em 2021, depois de passar por mil pressões no governo Bolsonaro, e virou um sucesso de público e crítica em meio à pandemia. É possível vê-lo na Globoplay. Seu Jorge interpreta o guerrilheiro e poeta que combateu a ditadura.

Na Netflix, um dos maiores sucessos do passado de Wagner está disponível: "Deus É Brasileiro" (2003), um blockbuster de Cacá Diegues no qual ele vive o malandro Taoca, que vira guia do Todo-Poderoso (Antônio Fagundes) em sua passagem pela Terra. Na mesma plataforma é possível vê-lo em "Saneamento Básico" (2007), de Jorge Furtado, integrando uma trupe de cinema amadora no Sul do Brasil. Por lá também se vê "Cidade Baixa", que conquistou o troféu Redentor de Melhor Filme na Première Brasil do Festival do Rio em 2005.

Na ocasião, Alice Braga ganhou o troféu de Melhor Atriz, estrelando um triângulo amoroso no submundo da Bahia, onde ela vive uma garota de programa disputada por dois amigos fidelíssimos: um boxeador, Deco (Lázaro Ramos), e o assaltante Naldinho (um Wagner Moura pré-Capitão Nascimento). A produção conquistou ainda o Prêmio da Juventude em Cannes.

Vale catar Wagner na Netflix em "Sérgio" (2020) e em "Wasp Network: Rede de Espiões", que disputou o Leão de Ouro, em 2019, além de "A Busca", uma pequena joia que concorreu a lâureas em Sundance em 2012.

No streaming da Amazon está "Praia do Futuro" (2014), que concorreu ao Urso de Ouro do Festival de Berlim há onze anos. Sob a direção de Karim Aïnouz, Wagner encarna um salva-vidas do Ceará que larga tudo e parte para Berlim a fim de viver um grande amor.

Pelo Prime Video também se vê "O Caminho das Nuvens", dirigido por Vicente Amorim há 21 anos. É a saga de uma família que sai do Nordeste e vem para o Rio de bicicleta.

Até no cenário da animação Wagner anda prolífico. Emprestou a voz a "Meu Tio José", longa da Bahia, dirigido por Ducca Rios, e dublou a Morte no fenômeno de bilheteria hollywoodiano "Gato de Botas 2: O Último Pedido".

A próxima incursão de Wagner na telona será "The Last Day", de Rachel Rose, com Alicia Vikander. Em breve, ele filma "Angicos", de Felipe Hirsch, abordando a cruzada do educador Paulo Freire.



Fernanda Torres, Wagner Moura, Camila Pitanga e Bruno Garcia no cult 'Saneamento Básico, O Filme'

Divulgação



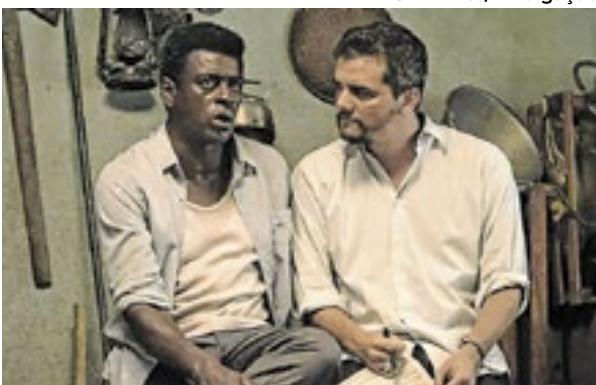
O papel do repórter Joel em 'Guerra Civil' é um dos trabalhos mais marcantes de Wagner

O2 Filmes/Divulgação



Wagner Moura em 'Praia do Futuro'

Seu Jorge e Wagner em 'Marighella', sua estreia como diretor



Henry. A trama acompanha amigos de longa data, delinquentes de carteirinha, que se fazem passar por agentes da DEA para roubar uma casa no campo. No golpe, acabam revelando - e desvendando -, sem querer, o maior corredor de narcóticos escondido na Costa Leste.

Na Amazon e na Netflix, encontra-se

um dos maiores êxitos de Wagner em sua carreira no exterior: "Guerra Civil" ("Civil War"), que custou US\$ 50 milhões e faturou US\$ 127 milhões. O ator tem um dos papéis principais do thriller político dirigido pelo escritor inglês Alex Garland, que ganhou notoriedade primeiro pela via da literatura, em 1996, ao lançar "A

Praia" – filmado em 2020, com Leonardo DiCaprio.

Garland dá ao arlequim da Bahia o papel de um ambicioso jornalista, Joel, que cruza os EUA tentando entrevistar o presidente num amanhã distópico em que a Casa Branca ruiu. É um dos grandes papéis dele, que passou ao posto de cineasta

Teatro histórico de Copacabana celebra seis décadas com maratona que recebe 30 espetáculos em 30 dias numa celebração à diversidade da cena teatral contemporânea com ingressos populares a R\$ 20 e R\$ 10 (meia)



Com cara nova, o Gláucio Gill celebra 60 anos com uma maratona teatral: 30 espetáculos em 30 dias

30 motivos para ir ao Gláucio Gill

Beti Niemeyer/Divulgação



Não Me Entrego, Não!

Tainá Cavalcante/Divulgação



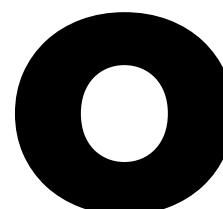
Pequeno Monstro

Divulgação



Zezé Motta

Por Affonso Nunes



Teatro Gláucio Gill, tradicional espaço cultural de Copacabana, completa 60 anos de atividade com uma programação que revela um amplo panorama da produção teatral brasileira. Desta segunda-feira (3) até 2 de dezembro, sempre às 20h, o “Festival Todos no TGG - 30 Espetáculos em 30 dias” apresenta, a preços populares - R\$ 20 e R\$ 10 (meia) -, montagens que atravessam diferentes gerações, estéticas e temáticas.

A celebração marca também um momento de renovação do espaço. Sob gestão do artista Rafael Raposo desde a retomada pós-reforma, o teatro atingiu 93% de ocupação da sala, resultado que o gestor atribui

a uma política de programação voltada para montagens estreantes e linguagens que dialogam com questões contemporâneas. “Dei prioridade aos espetáculos que estavam estreando, montagens com linguagens, temas atuais, que dialogam entre si, potencializando um ao outro”, afirma Raposo, que também investiu na recuperação física do espaço.

A abertura do festival fica a cargo de Zezé Motta, que também celebra 60 anos de carreira. A atriz apresenta um solo musical no qual revisita sua trajetória artística através de canções, depoimentos e memórias.

A programação inclui nomes consolidados como Othon Bastos, que apresenta “Não Me Entrego, Não”, solo premiado em que o ator revisita sua vida e carreira. Clarice Niskier traz “Alma Imoral”, reflexão filosófica e bem-humorada sobre ética e liberdade. Mateus Solano protagoniza “O Figurante”, co-

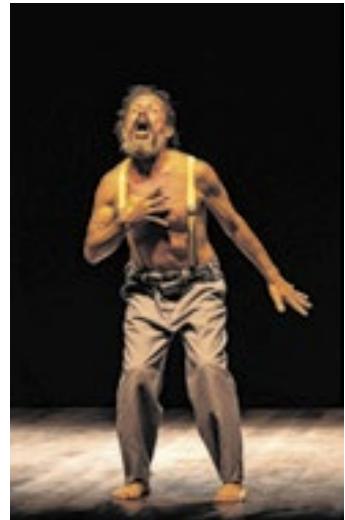
Silvia Machado/Divulgação

*Meu Corpo Está Aqui*

Nil Caniné/Divulgação

*Claustrofobia*

Renato Mangolin/Divulgação

*A Descoberta das Américas*

Mariana Ricci/Divulgação

*Macacos*

Dalton Valério/Divulgação

*Raul Seixas - O Musical*

Renato Mangolin/Divulgação

*O Figurante*

Nina Pires/Divulgação

*Pelada, a Hora da Gaymada*

Nina Pires/Divulgação

*Meu Caro Amigo*

deficiência, abordando autonomia e desejo. "Porque Não Nós", também de Spadaccini, reúne corpos negros em coro numa celebração de pertencimento e potência coletiva. "Selvagem", solo de Felipe Haiut, investiga como um jovem tenta sobreviver à violência invisível das redes sociais.

A programação também revisita momentos da história e da cultura brasileira. "Cabeça", com direção de Felipe Vidal, oferece retrato poético dos anos 1980 a partir da energia contestadora do rock nacional. "Toda Donzela Tem Um Pai Que É Uma Fera", com direção de Débora Lamm, é comédia de costumes ambientada no Rio dos anos 1950. "A Descoberta das Américas" apresenta a aventura tragicômica de um anti-herói, vivido por Julio Adrião, que testemunha a violência e a farsa da colonização. "Alma Brasileira" traça retrato afetivo da cultura nacional através de música e cena.

Montagens experimentais ampliam as linguagens presentes no festival. "Noites de Parangolé", do Teatro de Anônimo, homenageia Hélio Oiticica misturando música, corpo e arte em movimento contínuo. "Caravana Alucinada", texto de Jô Bilac com direção de Paulo de Moraes, acompanha uma trupe de artistas pelo subúrbio carioca que transforma encontros cotidianos em poesia e movimento.

Questões familiares e afetivas também atravessam a programação. "O Formigueiro", com direção de Thiago Marinho, aborda uma família que enfrenta o Alzheimer e descobre memórias que podem unir ou separar. "Órfãos", com Ernani Moraes e direção de Fernando Philbert, apresenta dois irmãos que sequestram um homem e revelam um abismo de abandono e sobrevivência. "O Legado", da Cia Teatro Íntimo, foi criado a partir da obra de Caio Fernando Abreu e investiga a escrita como abrigo para afetos e literatura.

Além do festival no palco principal, a comemoração dos 60 anos se estende ao segundo andar do teatro, que apresenta o novo "Cabaré Melanina", e à galeria, que recebe em novembro nova exposição de Nina Benchimol. A programação múltipla transforma o Gláucio Gill em espaço de convivência e circulação cultural para além dos espetáculos.

SERVIÇO

FESTIVAL TODOS NO TGG - 30

ESPETÁCULOS EM 30 DIAS

Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal

Arcoverde, s/nº - Copacabana)

3/11 a 2/12, diariamente, sempre às 20h

Ingressos: R\$ 20 e R\$ 10 (meia)

Programação completa em <https://slnk.com/4N3T5>

média sobre um homem que precisa decidir se assume o protagonismo da própria vida. Bruce Gomlevsky interpreta Raul Seixas no musical que recria uma noite insone do músico baiano. Silvero Pereira apresenta "Pequeno Monstro", mergulho em recordações de uma infância queer marcada por dores e descobertas.

Entre as atrizes, destaque para Kelzy Ecard em "Meu Caro Amigo", espetáculo musical que revisita a história do Brasil através da vida de uma professora apaixonada por Chico Buarque, e Vilma Melo em "Mãe de Santo", solo sobre espiritualidade e resistência nas tradições de terreiro. Louise D'Tuani e Rodrigo

Pandolfo dividem o palco em "Alaska", sobre dois desconhecidos isolados no frio extremo. Márcio Vito apresenta "Claustrofobia", investigação sobre o medo de ficar preso física ou emocionalmente.

O festival também reúne coletivos fundamentais do teatro brasileiro contemporâneo. A Armazém Companhia de Teatro apresenta "Neva", sobre atores enclausurados que questionam a função da arte em tempos de violência. A Cia dos Atores traz "Conselho de Classe", que expõe conflitos do cotidiano escolar quando a sobrevivência da educação está em jogo. A Cia Atores de Laura apresenta "A Palavra que Resta", sobre um homem que en-

cara o passado e o que nunca pôde dizer sobre amor e desejo. Aquela Cia de Teatro encena "Caranguejo Overdrive", sobre um ex-combatente que luta para não perder sua identidade em uma cidade transformada. O Complexo Negra Palavra apresenta "Pelada, a Hora da Gaymada", comédia sobre orgulho e diversidade que mistura futebol, festa e música.

A diversidade temática percorre questões urgentes da sociedade brasileira. "Macacos", com Clayton Nascimento, propõe reflexão direta sobre racismo através de discurso confessional que convoca o público ao debate. "Meu Corpo Está Aqui", criado por Julia Spadaccini, celebra histórias reais de artistas com

LINHAS DE FUGA

ALDO TAVARES

Violência

Página 82: “(...) a grande massa de um povo sempre só se deixa empolgar pelo poder da palavra”, e na 90. “(...) não dispersar a atenção de um povo, e sim em concentrá-la contra um único adversário”. Empolgar, o mesmo de entusiasmar, que significa “estado de exaltação do espírito” contra o oponente. O autor dessas palavras não crê apenas na força bruta. Escreve na 128: “O emprego exclusivo da violência, sem o estímulo de um ideal preestabelecido, não pode jamais conduzir à destruição de uma ideia ou evitar a sua propagação (...). A violência bruta e o ideal preestabelecido, portanto, representam a ambiguidade do líder político, pois “toda tentativa de combater pelas armas um princípio universal têm de ser mal sucedida, enquanto a luta não tomar rigorosamente forma de ofensiva por novas ideias”, página 129. Quem escreveu essas páginas chegou ao poder absoluto em razão de seu rosto-palavra, que representa o paradoxo, que dizer, ele, ao mesmo tempo, “é-e-não-é”.

Flux Kontext Pro



A palavra “violência” origina-se da raiz “vis”, que significa “força”, e esse líder fez uso da força bruta do corpo [com armas] e da força leve do espírito [com discursos], duas forças contrárias. Chegar ao poder passou, então, pelo caminho do meio, pelo caminho da ambiguidade, marca muito intensa da política de extrema direita.

Autor de único livro, ele deixa evidente que a força bruta por si mesma não é a saída para dominar, devendo ser dividida com a força do espírito, isto é, o discurso, o mesmo discurso que inventa o inimigo, e, contra o inimigo, o líder político projeta a imagem de ideais patrióticos. Quando lemos Introdução às linguagens totalitárias, aprendemos com Jean-Pierre Faye que essas linguagens, que não expressam a força bruta, são práticas entre verdadeiro-e-não-verdadeiro, como lemos na página 42. Nesse agenciamento-livro, o Estado Total tem data de nascimento e autor: 1931 e Carl Schmitt, jurista, filósofo e político alemão conhecido por sua teoria da soberania, em que o poder político não é apenas quem aplica as leis, mas quem pode suspender-las em nome da ordem. Ora, suspender a lei é suspender a própria ordem em nome da ordem. Jogo. Assim, entre ordem-e-desordem, o nome desse paradoxo é estado de exceção.

A extrema direita necessita da força bruta e ela a motiva com seu discurso que cria o inimigo para afirmar seu moralismo patriótico. Até chegar ao poder, o líder político atravessa o entre opostos, e ele sabia disso, o autor de páginas acima: Hitler.



Aos 60 anos, a atriz que é símbolo do combate ao racismo brilha na TV aberta com ‘Mulher Rei’, dublada por Sarito Rodrigues

Viola Davis, a ‘Tela Quente’ é tua!

Signo do combate a muitas formas de intolerância, a atriz abrilhanta a popular sessão de cinema da TV aberta com ‘Mulher Rei’, mobilizando uma luta antirracista na telinha da Globo

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Num esforço de fazer de novembro, o mês de Zumbi dos Palmares, celebrado a cada 20/11, uma data para se discutir a decolonização em vários âmbitos da dramaturgia, a TV Globo muda a cara da sua programação semanal de filmes, para ampliar o lugar das vozes autorais ligadas à luta antirracista, o que se faz notar já pela “Tela Quente” desta segunda-feira: “Mulher Rei” (“The Woman King”, 2022), de Gina Prince-Bythewood. A transmissão segue firme e forte no ar, 37 anos após sua criação, sempre às noites de segunda, na TV Globo, cumprindo o papel de apresentar ao público da televisão aberta tendências que transformaram o audiovisual, no circuito exibidor e noutras mídias, incluindo a diversidade. É o que justifica a escolha desta noite. Não esqueça de que o terceiro título exibido pela sessão, há três décadas e meia, foi “Annie Hall – Noivo Neurótico, Noiva Nervosa” (1977), com Élcio Romar dublando Woody Allen e Adalmária Mesquita cedendo o gogó a Diane Keaton. Em 1994, em meio à Copa do Mundo que nos rendeu o Tetra, a sessão promoveu um festival com

resguardado por uma horda de mulheres guerreiras. A imbatível Nanisca (Viola) é a líder desse exército e precisa treinar uma novata.

Inaugurada em 1988 com “Star Wars – Episódio VI: O Retorno de Jedi” (1983), numa dublagem em que Silvio Navas (1942-2016) dava voz a Darth Vader, a “Tela Quente” segue firme e forte no ar, 37 anos após sua criação, sempre às noites de segunda, na TV Globo, cumprindo o papel de apresentar ao público da televisão aberta tendências que transformaram o audiovisual, no circuito exibidor e noutras mídias, incluindo a diversidade. É o que justifica a escolha desta noite. Não esqueça de que o terceiro título exibido pela sessão, há três décadas e meia, foi “Annie Hall – Noivo Neurótico, Noiva Nervosa” (1977), com Élcio Romar dublando Woody Allen e Adalmária Mesquita cedendo o gogó a Diane Keaton. Em 1994, em meio à Copa do Mundo que nos rendeu o Tetra, a sessão promoveu um festival com

Entre os destaques da Globo desta semana que dão espaço à luta contra o racismo inclua a atração da “Sessão da Tarde” desta segunda, às 15h20: “Mãos Talentosas – A História de Ben Carson” (2009), com Cuba Gooding Jr. Na quinta, às 15h25, é a vez de Will Smith contagiar a emissora em “Depois da Terra” (“After Earth”, 2013), de M. Night Shyamalan.

Divulgação

o legado de Bruce Lee no país, exibindo inclusive o cult “O Dragão Chinês” (1971). Em anos mais recentes, em 2017, teve exibição de “Relatos Selvagens”, com direito a uma mega campanha de mídia e com uma feliz escalação de Márcio Simões para dublar Ricardo Darín. Já em meio à pandemia, projeções de “Bacurau” (2019), com Mauro Ramos dublando o alemão Udo Kier, e de “Corra!” (2017), deram uma tônica combativa à sua programação. Foram formas de mostrar que nem só blockbusters caça-niqueis compõem a sua grade. O que volta a se destacar com a presença de Viola Davis em cena, dublada por Maria do Rosário “Sarito” Rodrigues.

Foi a atriz Maria Bello (da série “Treta”) quem concebeu a ideia para “The Woman King”, lá em 2015, após visitar Benin, onde o reino retratado pelo filme se localizava. Lá, aprendeu sobre a história das Agojie, uma esquadra de guerreiras. No intuito de se firmar como produtora, ela recrutou a roteirista Cathy Schulman para desenvolver um argumento sobre as combatentes daquela região. Apresentou a ideia para vários estúdios, que recusaram o projeto devido a preocupações financeiras. Depois de se reunirem com a TriStar Pictures, em 2017, ela teve sinal ver para desenvolver a trama – isso em 2020, em plena covid-19. A produção começou na África do Sul, em novembro de 2021, mas acabou sendo interrompida, por algumas semanas, devido à variante Omicron do coronavírus. O trabalho foi retomado no início de 2022. Polly Morgan foi a diretora de fotografia. Durante a pós-produção, a trilha sonora foi composta por Terence Blanchard e a edição foi concluída por Terilyn A. Shropshire.

Entre os destaques da Globo desta semana que dão espaço à luta contra o racismo inclua a atração da “Sessão da Tarde” desta segunda, às 15h20: “Mãos Talentosas – A História de Ben Carson” (2009), com Cuba Gooding Jr. Na quinta, às 15h25, é a vez de Will Smith contagiar a emissora em “Depois da Terra” (“After Earth”, 2013), de M. Night Shyamalan.

Uma Europa que a Marvel não mostra

Chegada de ‘Astérix na Lusitânia’ amplia o cacife da indústria de HQs do Velho Mundo, que se renova com westerns, thrillers e ensaios contraculturais

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

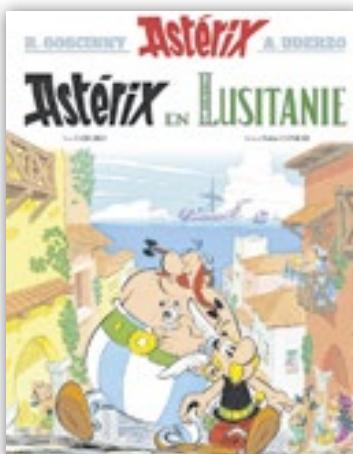
Ao longo de quase 12 meses, “Absolute Batman”, que chegou há pouco ao Brasil, via Panini, é o quadrinho que mais vende nos EUA e mais instiga encomendas planeta afora, sendo que uma recente parceria do Homem-Morcego com o Deadpool, num inusitado crossover das editoras DC e Marvel, tem mobilizado fortunas em quiosques e livrarias, além dos buscadores da web. Esse é o quadro do mercado quadrinhófilo americano, mas no Velho Mundo, 2025 tem sido um ano quente, tanto em vendas quanto em experimentações narrativas. A festa que as livrarias europeias estão fazendo com a chegada de “Astérix na Lusitânia” é de dar inveja a quem só publica romances, contos e textos corridos afins. O gaulês chegou quente, mas não é o único.

Ideifix, seu cãozinho, está latindo um tantão, pois o herói criado por René Goscinny (1926-1977) e Albert Uderzo (1927-2020), ao lado de seu parceiro Obélix, não arreda o pé das caixas registradoras, desde 23 de outubro, quando foi lançado eu álbum mais recente, ambientado nas terrinhas peninsulares onde fica Portugal. “Astérix en Lusitânia” conta com a arte de Didier Conrad, quadrinista hoje respon-

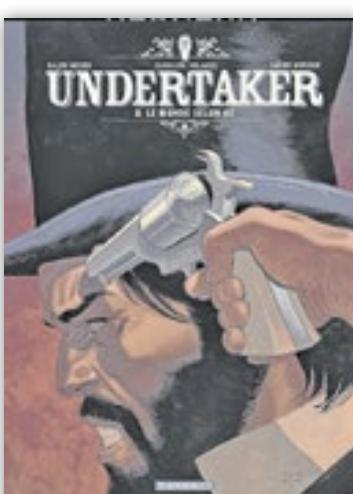
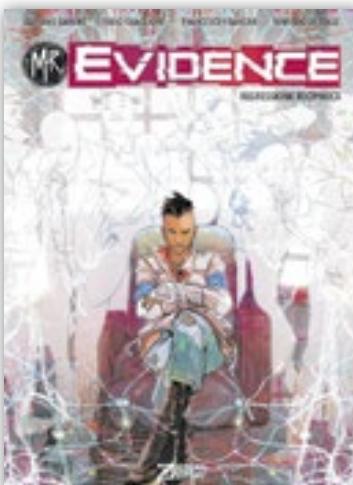
sável por dar sequência às peripécias gráficas do guerreiro criado na revista “Pilote”, em 29 de outubro de 1959. Ele e o roteirista Jean-Yves Ferri já trabalharam no universo de Goscinny e Uderzo antes em “A Filha de Vercingetorix”, lançado entre nós pela Ed. Record. Aliás, no apagar das luzes de 2024, a editora, localizada em São Cristóvão, colocou à venda um tijolaço de 152 páginas, chamado “Asterix Omnibus”. O álbum compila missões clássicas do personagem. Uma das historietas se ambienta na Lutécia, onde os protagonistas precisam encontrar uma nova foice para Panoramix. Um volume dois já saiu.

Encantada por “Lusitânia”, a França hoje gira as lojas especializadas em BDs (banda desenhada, nome local para HQs) também em busca do novo volume da saga “Undertaker”, que chegou ao Brasil, faz pouco, traduzida pela editora Pipoca & Nanquim. É um bangue-bangue repleto de adrenalina, escrito por Xavier Dorison e desenhado por Ralph Meyer. Os dois narram os mil perigos que cercam Jonas Crow, um ex-soldado da Guerra de Secessão que troca a farda pelo uniforme de agente funerário itinerante. Cada caixão seu é repleto de pólvora.

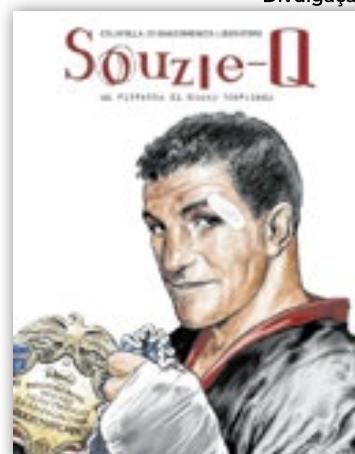
Para além das peripécias dos gauleses e dos duelos de “Undertaker”, o público leitor da Europa mira suas atenções na Itália, onde a Sergio Bonelli Editore (a casa



O lançamento de ‘Astérix na Lusitânia’ aquece o mercado de europeu de quadrinhos, mas não vem só



de Tex e de Zagor) reina absoluta, a partir de Milão. De lá chega “Souzie-Q. Um retrato de Rocky Marciano”, um álbum de 160 páginas com roteiro de Francesco



Divulgação



Marchegiano (1923-1969), que venceu por nocaute 43 das 49 lutas que venceu.

Mais famosa por seus títulos de western e de terror, a Bonelli aposta em sci-fi em um novo candidato a cult: “Mr. Evidence”. Essa nova série regular é um thriller, com toques de espionagem criada por Adriano Barone (de “Nathan Never”) e Fabio Guaglione (cineasta, diretor do filme “Mine”). A trama gira em torno de quatro indivíduos afetados por anomalias psicológicas que os levam a ver o mundo de uma maneira singular.

Uma das apostas quentes da Bonelli para este fim de ano é “Orbit Orbit”, um projeto do músico Caparezza, cujas ilustrações foram realizadas por artistas que já colaboraram há vários anos com a editora, como Sergio Gerasi, Yi Yang, Riccardo Torti, Nicola Mari, Marco Nizzoli e Renato Riccio. A capa é de Matteo De Longis. O miolo aborda viagens oníricas.

Numa linha mais próxima dos policiais, a Bonelli mete golaço com a graphic novel “Non Lasciare La Mia Mano”, adaptação da literatura de Michel Bussi, escrita por Frédéric Duval com desenhos de Didier Cassegrain. Em suas páginas, o cenário da paradisíaca ilha tropical de La Réunion contrasta com uma história com muitos lados obscuros. Liane Bellion desapareceu, mas há vestígios de sangue no seu quarto de hotel. Alguém jura ter visto o marido, Martial, a se comportar de forma suspeita... Após as dúvidas iniciais, a polícia está cada vez mais convencida de que Martial matou a esposa. Em pânico, mas recusando-se a se entregar às autoridades, o homem leva a filha em uma fuga frenética.

Gentileza e mais amor geram gentileza

O Profeta Gentileza e sua delicadeza em flores astrais, físicas e espirituais, distribuídas e semeadas, ao longo de anos, pela Cidade Maravilhosa e terras de Araribóia, foi telúrico, metafórico e visceral. Mostrou ao Rio de Janeiro que, se quisermos “Celacanto não provoca maremoto”, não provoca sismos, não provoca guerras. Muito pelo contrário, a gentileza é agente provocadora de paz e gratidão... era José Agradecido.

Vivemos momento conturbado em que o coletivo tem tomado muito mais as formas ‘eu’ e ‘meu’, em que as almas têm se trancado em feudos, murados de egos, afrolados em ids, desequilibrados em superegos. Momentos de um ‘venha a nós, deixando ao vosso reino absolutamente nada’.

Ímpar em sua singularidade, o “eu maior” rege esse império, mesmo que esta monarquia seja protegida por exércitos brancaleônicos fardados em utopias e quimeras.

As chamas das fogueiras da vaidade, mais que nunca, são lume do egoísmo, atiçadas pelo mal querer, pelo mal poder e, principalmente, pela má vontade. A soberba toma formas inusitadas, encimadas pela falta de humanidade.

“...El amor es torbellino de pureza original... / ...El amor con sus esmeros al viejo lo vuelve niño / Y al malo sólo el cariño lo vuelve puro y sincero...” é a mais pura tradução da alquimia do amor nos versos de Violeta Parra.

A vaidade vem tentando fincar raízes, mas, o terreno é pantanoso, instável e perigoso; porque “...O homem que diz sou / Não é! / Porque quem é mesmo é / Não sou! / O homem que diz: Tô / Não tá! / Porque ninguém tá / Quando quer...”. Saravá Baden! Saravá Vininha! Saravá Ossanha!

Os tentáculos ardilosos da veleidade, fazem imergir ufanismos perversos capazes de afastar, sobremaneira, o que há de melhor em cada um. Apaga o logos.

Aforismos. O amor deve ser pago com amor? Gentileza gera gentileza? Nome-do-pai...? Adágios de realidade em sociedade. Mero apotegma existencial.

Dias difíceis em que a solicitude e prestatividade ficaram em baixa. O ódio vigente suscitou sentimentos divergentes, pintou cenários plúmbeos, deixou a psique à deriva. Generosidade não é mais a palavra de ordem... Talvez Freud explique, ou não...

A velha esperança de tudo se ajeitar deve brotar no amor sublime e na partição do pão nosso de cada dia.

Por mais tapumes ‘Lerfá-Mú’ em chão de giz! Por mais ‘Gentilezas’, por mais rosas vermelhas do bem querer, por mais loucos de amor e malucos-beleza.

Que brotem sementes, frutificando todo sentimento nas metáforas mais sutis e belas, delicadas e deferentes.

DEIXA FLUIR O AMOR!

POR CARLOS MONTEIRO | TEXTO E FOTOS

